

Os múltiplos caminhos do pensamento de Foucault

Luciane Cristina de Oliveira – UNESP, Araraquara

SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard (Org.). *O legado de Foucault*. São Paulo: FAPESP; UNESP, 2006. 300p.

Entre tantas obras que apresentam a maestria foucaultiana, *O legado de Foucault* traz uma característica especial: apresenta alguns dos muitos caminhos possíveis do pensamento do autor de forma sistemática, fato que facilita a pesquisa de quem está sendo apresentado ao autor. Em seis tópicos, os pesquisadores e estudiosos discutem os vários “andaimés” propostos por Foucault para a continuidade de suas investigações científicas, desse modo evidenciando as questões em aberto presentes na sociedade e as suas várias possibilidades investigativas.

Segundo o historiador Philippe Ariès, um dos autores dos textos que compõem a obra, em seu trabalho Foucault não teve a pretensão de criar uma escola em torno do seu pensamento, mas esperava que a leitura de seus livros e arquivos pudesse levar as pessoas a desenvolverem novas idéias. Em suma, o que Foucault queria era estimular as pessoas a pensar, e essa obra de que tratamos é uma prova de que seu objetivo está sendo alcançado.

No capítulo *Engajamentos e resistências*, o professor e ensaísta José Carlos Bruni (USP/Unesp) e o professor Marcos César Alvarez (USP) discutem a relação estabelecida por Foucault entre teoria e prática. Bruni trabalha sobre a polêmica foucaultiana de que o homem não é um ser concreto, mas apenas uma figura do saber contemporâneo, deste modo, a “morte do homem” é proposta como condição de uma retomada do modo de pensar e do saber. Ao invés de se preocupar com o sujeito, o autor nos mostra Foucault interessado com o processo de sujeição

e os obstáculos impostos na formação desse sujeito, além de analisar qual é o modelo de Homem aceito pela sociedade e capaz de excluir o Outro – um sujeito sem voz, que vive nos extremos da exclusão em manicômios ou prisões, locais que promovem o silêncio daqueles que são excluídos pela sociedade.

Alvarez apresenta Foucault como um típico genealogista que critica a sociedade ao exhibir minuciosamente as formas capilares de exercício de poder, além de deixar em suas demonstrações caminhos abertos a serem trilhados por novas reflexões, ou seja, há um convite em suas obras para que os indivíduos vivam novas experiências históricas. O pensamento foucaultiano traz à tona a relação que a sociedade moderna estabelece com o Outro e como se funda o controle deste através da imposição de normas e castigos, com o objetivo de produzir corpos dóceis.

As idéias de Foucault, apesar de causarem certas divergências entre as feministas, foram frutíferas para a defesa das mulheres, como fica demonstrado no capítulo *Feminismos*. A historiadora Michelle Perrot, atenta à questão dos micro-poderes, desenvolve argumentação sobre o biopoder, comentando a missão que a sociedade estabeleceu para as mulheres, que é a de serem mães. Ela ressalta que com isso as mulheres perdem o direito de domínio sobre o próprio corpo, como mostra a dessimetria de poderes entre homens e mulheres, sendo eles os dominadores, que usam o corpo feminino para o prazer e a procriação, e elas, as dominadas. A historiadora

defende a premissa foucaultiana que vai de encontro a essa idéia, quando afirma: Não há mais ‘norma’ de conduta das mulheres: a maternidade não constitui a imutável missão delas (p.78). Com esse pensamento, Foucault possibilita a reescrita da história das mulheres na sociedade.

A socióloga Lucila Scavone (UNESP) dá prosseguimento a essa discussão afirmando que a partir dos anos 70 emerge uma nova forma de pensar as relações de poder entre homens e mulheres, agora afinada com a noção foucaultiana. A professora diz que Foucault revelou a origem da monogamia heterossexual, que hoje é posta como “norma” na sociedade e é responsável pelas práticas de poder inscritas no corpo e na sexualidade dos indivíduos. A partir daí, nasce um período de intensificação do debate sobre o aborto, quando as mulheres reivindicam o direito de construir seus próprios destinos e seus corpos. Como evidencia a autora, para Foucault “o poder não opera em um só lugar, mas em lugares múltiplos: a família, a vida sexual [...]” (p. 88).

Margareth Rago (Unicamp) discorre sobre o domínio masculino, não apenas sobre a via mulher/mãe, mas sobre a questão moral envolvendo a sexualidade, na inferioridade biológica das mulheres implícita pelas normas sociais ao classificá-las como “honestas” ou “públicas”, sendo determinante, portanto, a forma como elas lidam com a sexualidade. A autora refaz o percurso foucaultiano para criticar a moral burguesa, que busca construir um corpo que se submeta às exigências disciplinares e ao ritmo de produção, com a intenção de formar corpos dóceis, enquanto, num resgate da Antiguidade, Foucault se depara com relações que valorizam a individualidade do sujeito.

Tânia Navarro Swain, historiadora da UnB, escreve acerca do olhar da sociedade sobre as questões de gênero e observa que o referente masculino ainda é hegemônico. Mesmo com Foucault evidenciando novas perspectivas de organização para a sociedade, ainda assim a construção do mundo sob o ponto de vista dos homens continua sendo aceita como “natural” e “correta”. Dentre as pesquisas foucaultia-

nas, uma importante contribuição sua foi evidenciar que a educação, a política, os discursos diários são os grandes responsáveis pela manutenção dos saberes e poderes masculinos, concluindo que “ignorar a produção feminista do saber é tentar manter uma ordem discursiva androcêntrica” (p.129).

Amizade, corpo e estética da existência é mais um dos andaimes foucaultianos. A questão da amizade entre os homens, segundo Hélio Rebello Cardoso Jr. (UNESP), é trabalhada inicialmente sobre a questão da iniciação sexual masculina na Grécia antiga, a qual se realizava por homens mais velhos com efebos. Richard Miskolci (UFSCar), em sua contribuição faz um paralelo entre Oscar Wilde e Michel Foucault, sob o ponto de vista da opção sexual de ambos, a homossexualidade, e os problemas que esta causou às vidas de ambos; Wilde foi condenado por amar um homem, e Foucault, por assumir a opção homossexual. Miskolci pondera que a sociedade não aceitava, e ainda não aceita, a união sexual entre indivíduos do mesmo sexo, por ser uma união incapaz de gerar prole. Na opinião de Foucault “a homossexualidade é uma experiência, um processo aberto à transformação, um estilo de vida que vai muito além do ato sexual” (p. 172).

Para completar esse tema, Carlos José Martins (UNESP/Rio Claro), discute o corpo como uma construção social que impõe disciplina com o objetivo de domesticá-lo. Sobre este ponto, ele trabalha, entre outros assuntos, o poder pastoral, poder religioso muito presente na tríade da *História da sexualidade* de Foucault. Esse poder busca o controle do indivíduo através do exame de sua consciência e da confissão exaustiva.

O sociólogo Sérgio Adorno (USP) discute o tema *Direito, violência e controle social*, revelando como a avaliação do criminoso se transforma através da história. Se de início ele era considerado um pecador e a Igreja o condenava, na sociedade secular o poder de julgá-lo é de responsabilidade da justiça. Esta exerce um controle ortopédico da sociedade, ou seja, exerce um poder corretivo sobre o indivíduo, através de disciplinas que estabelecem a meta de adquirir o

controle dos corpos. Andrei Koerner (UNICAMP) prossegue essa discussão, mas examinando a forma como o governo, o mantenedor da segurança, se utiliza do poder quanto às questões coletivas.

Luís Antônio de Souza (UNESP/Marília) finaliza esse capítulo demonstrando como as novas formas de controle social agem sobre o indivíduo, nas quais eles passam a não fazer parte de uma 'massa', mas são diferenciados através de senhas, códigos de acesso que os distingam, não importa quem utilize essa forma de identificação, mas apenas a checagem dos códigos. Porém nas questões que envolvem punição, "o saber disciplinar-punitivo ainda reside igualmente na observação do corpo condenado e numa infinita maquinaria de observação e controle" (p. 256).

Esse livro não podia deixar esquecido os *Percursos filosóficos* de Foucault. O filósofo Marcos Nalli (UNESP/PR) examina a *História da loucura*, tese de doutoramento de Foucault, na qual é trabalhada uma arqueologia de saberes, ou a arqueologia de uma alienação, na qual o louco é um sujeito e não um debilitado, "alguém que constrói um mundo que faz sentido" (p. 270). Foucault, nessa tese, perpassa três períodos históricos com o objetivo de mostrar como o louco sai da condição de amaldiçoado para a de um desviante e culmina sua transformação como um doente mental.

Ricardo Monteagudo (UNESP/Marília) encerra o livro com um texto sobre *As palavras e as coisas*, no qual é trabalhada a questão retórica, pois "as coisas são designadas pelas palavras, e são as palavras que vão nos ensinar a respeito" (p. 286). Quem fala em palavra, fala em retórica, e Foucault, em seu livro, como expõe Monteagudo, serve-se de autores "menores", que não se tornaram referências por não pensarem da forma considerada "universal". O professor também contesta alguns pensamentos foucaultianos, ao analisar a conversão deste ao anti-hegelianismo, e como essas conseqüências emergiram em seu trabalho posterior, quando busca ressaltar as intersubjetividades características de cada grupo, rejeitando as

intersubjetividades da Justiça, o que pode acarretar uma possível convivência com a injustiça.

O legado de Foucault é uma obra que se originou a partir de evento em homenagem aos 20 anos da morte de Michel Foucault, na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, da Universidade Estadual Paulista. Nessa ocasião, o meio acadêmico teve a oportunidade de presenciar um debate profícuo sobre a diversidade de interpretações da obra foucaultiana. A leitura desta obra possibilita abrir novas questões nas visões acadêmicas cristalizadas, uma vez que numa mesma arquitetura de idéias foi possível reunir diversas formas de pensamento, que propiciam o desvendamento de novas brechas na sociedade, e essa foi a semente que o autor almejou com sua obra, nada finita, delimitada, mas passível de novas análises. Enfim, propõe outras formas dos sujeitos se pensarem e pensarem a sociedade na qual vivem.